

# Editorial

## Espaços de memórias – um caleidoscópio contemporâneo

A edição de **Confluências Culturais**, revista científica *online* dedicada aos estudos de patrimônio cultural e sociedade, em seu número 1, volume 4, correspondente ao primeiro semestre de 2015, concentra-se em torno do tema “espaços de memórias – um caleidoscópio contemporâneo”, reflexões que amplificam olhares sobre os espaços de memórias, pois compreendemos na esteira de Ricoeur<sup>1</sup> que o ato de habitar cria fortes amarras humanas entre as datas e os lugares. Assim sendo, os tempos históricos e os espaços geográficos, ao estabelecerem vínculos com as memórias corporais, instauram tempos e espaços vividos. Os seis artigos do volume abordam os embates e as tensões que envolvem a manutenção dos espaços de memória.

Edson Leite e Maria Cristina Caponero, pesquisadores do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (PGEHA/USP), no artigo “As possíveis articulações entre preservação do patrimônio, turismo e desenvolvimento econômico e sua trajetória no Brasil a partir dos anos 1960”, apresentam reflexões dirigidas à compreensão dos procedimentos dos órgãos de planejamento em sua interação com o turismo, considerado como um dos meios de desenvolvimento e sustentabilidade. O foco de investigação é a missão do perito da Unesco no Brasil, Michel Parent, ocorrida entre 1966 e 1967, para a elaboração de um levantamento do patrimônio cultural brasileiro, desde a avaliação das características, potencialidades e estado de conservação/preservação dos monumentos até a análise das estratégias de preservação adotadas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), com o intuito de sugerir programas de cooperação técnica e estratégias de otimização dos potenciais percebidos. A abordagem visa à compreensão dos planos de preservação do patrimônio com base em linhas de ação que priorizem a adoção de medidas de proteção e de dotação financeiras necessárias para a manutenção, a restauração e a animação dos bens culturais e aponta para debates relevantes e influentes no contexto internacional de preservação e para o contexto histórico, cultural, social, institucional, político e econômico.

O artigo “Arquivos históricos municipais e seu *affaire* com as temáticas de imigração e colonização”, de Marcos Antônio Witt (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos/RS), historiciza e analisa as relações estabelecidas entre os arquivos históricos municipais (AHMs) – locais de memória – e as temáticas de imigração e colonização, tendo como referência a historiografia que se ocupou do processo de emigração/imigração para o Brasil. O texto aborda as percepções diferenciadas dos grupos historiográficos com os AHMs decorrentes de origens diversas dos arquivos, pois uma parcela deles teve seu nascedouro ligado às iniciativas públicas, enquanto outros se originaram das ideias e práticas de pesquisadores municipalistas, e não raro alguns surgiram da combinação desses dois fatores. O recorte de análise é o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (RS).

Já em “A memória da cidade de São Paulo: ensaios periféricos, palimpsesto e *tabula rasa*”, Danilo da Costa Morcelli (mestre pela USP e pesquisador júnior no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD/ONU) trata da dinâmica urbana de São Paulo, do processo de contínua destruição e reconstrução da cidade ao longo dos séculos

---

<sup>1</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 40-60.

que gera a ideia de que tudo é novo e passível de ser substituído. Nesse processo a noção de *tabula rasa* (em que ocorre a destruição de partes da cidade para a construção do novo) e de palimpsesto (a cidade com suas diversas escritas, revelando tempos pretéritos) pode contribuir para as reflexões sobre as transformações ocorridas em São Paulo. A prática do fazer *tabula rasa* é analisada como danosa para a cidade, por conta do apagamento de partes significativas de sua memória e de sua história. Assim, tem-se como proposta refletir sobre a dinâmica do processo de constituição da cidade por intermédio de um recorte memorialístico.

Aline Portilho, pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (PPHPBC – CPDOC/FGV), em seu texto “A ‘UNE de volta pra casa’ – rituais de inscrição de memórias no espaço urbano”, trata do processo de inscrição de memórias da União Nacional dos Estudantes (UNE) no espaço urbano do Rio de Janeiro, e seu recorte é uma das ações que o compõem: a marcha nomeada Culturata. A análise sobre o evento em tela permite reflexões acerca da mobilização da memória de grupos para sua apresentação no espaço público. Revela também a importância dada por aqueles militantes ao ato de inscrever tais memórias no espaço urbano, como fator de garantia para a legitimidade de suas demandas.

O grupo de pesquisadores Leandro Ludwig, Cesar Murillo Caparelli e Camila Seibt, vinculados à Universidade Regional de Blumenau (Furb), difunde no artigo “Transgredindo paradigmas: o habitar e as cheias em Blumenau (SC)” suas reflexões sobre o habitar associadas às catástrofes ditas naturais na cidade de Blumenau, com enfoque na relação histórica entre meio ambiente e cidade desde os assentamentos indígenas. O texto demonstra evidências que transgridem paradigmas estabelecidos sobre as áreas atingidas pelas cheias, que incidem apenas sobre 2,40% do território municipal, atingindo zonas censitárias onde se localizam 32,88% da população blumenauense, com densidade populacional três vezes maior que a média da cidade. São, portanto, áreas que consolidam e intensificam as tragédias.

O artigo que finaliza o volume, escrito pelos pesquisadores Romão Kath e Dione da Rocha Bandeira, do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Universidade da Região de Joinville (Univille), intitulado “O caminho do Monte Crista: um panorama de sua historicidade”, resulta de uma pesquisa histórica sobre a criação e a utilização do antigo caminho do Monte Crista, que ligava a região de São Francisco do Sul (SC) aos Campos de Curitiba (PR). O texto recupera teorias sobre a origem do caminho como as de Quandt (2003; 2012), que o situa com suas escadarias de pedra como um ramal do caminho indígena Peabiru, via de ligação entre Cuzco, a capital inca, à região de Cananeia, litoral de São Paulo, contrapostas às de Ehlke (1973) e de Bond (2009), defensores de outra versão, ao afirmarem que as escadarias de pedra não são obras incaicas, mas foram construídas na época do Brasil Império, conforme registros oficiais da época. Trata-se de versões históricas que se contrapõem, porém constituem pistas interpretativas para o forte apelo turístico que o caminho do Monte Crista desperta na contemporaneidade.

**Taiza Mara Rauen Moraes**  
Editora Chefe